

A RELAÇÃO FIDUCIÁRIA CONSTITUÍDA NO CONFLITO CENTRAL DO ROMANCE OITOCENTISTA *PERSUASÃO*, DA AUTORA INGLESA JANE AUSTEN

THE FIDUCIARY RELATIONSHIP ESTABLISHED IN THE CENTRAL CONFLICT OF THE
19TH CENTURY NOVEL *PERSUASION*, BY ENGLISH AUTHOR JANE AUSTEN

Recebido: 10/10/2025 Aprovado: 05/11/2025 Publicado: 30/12/2025
DOI: 10.18817/rlj.v9i2.4396

Alessandra Maria da Silva Oliveira¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-4558-3584>

Resumo: O último romance escrito por Jane Austen (1775 – 1817) é marcado pelo o conflito que precede a essência de seu título, isto é, a persuasão da personagem secundária, Lady Russell, sobre o caso de amor envolvendo a protagonista da história, Anne Elliot, com o aspirante a marinheiro, Frederick Wentworth, sendo ambos de classes sociais diferentes. Essa questão social é o principal argumento gerado por Lady Russell para convencer sua afilhada a não se envolver matrimonialmente com o rapaz e os efeitos disso são traumáticos na vida dos dois. Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é analisar capítulos selecionados do livro *Persuasão* (1818) onde a relação persuasiva se estabelece. Portanto, para analisar os motivos e as consequências da persuasão na relação entre esses três personagens principais, a semiótica das paixões desenvolvida no *Cruzeiro Semiótico* de Diana Barros (1990) em conjunto com a *Semiótica do Discurso* de Jacques Fontanille (2011), contribuirá para a investigação desse fenômeno conhecido nos estudos semióticos como fidúcia. Além disso, o modelo actancial proposto por Algirdas Julien Greimas será determinante para mostrar os papéis e as funções actanciais de cada personagem nessa relação fiduciária.

Palavras-chave: Jane Austen; Persuasão; Semiótica das Paixões.

Abstract : The last novel written by Jane Austen (1775 – 1817) is marked by the conflict that precedes the essence of its title, what is, the persuasion of the secondary character, Lady Russell, about the love affair involving the story's protagonist, Anne Elliot, with the midshipman, Frederick Wentworth, both being from different social classes. This social issue is the main argument created by Lady Russell to convince her goddaughter to not get married to the boy and its effects are traumatic on both of their lives. Thus, the main objective of this research is to analyze selected chapters from the book *Persuasion* (1818) where the persuasive relationship is established. Therefore, to analyze the reasons and consequences of persuasion in the relationship among these three main characters, the semiotics of passions developed in Diana Barros' *Semiotic Cross* (1990) along with Jacques Fontanille's *Semiotics of Discourse* (2011), will contribute to the investigation of this phenomenon known in semiotic studies as fiducy. Furthermore, the actancial model proposed by Algirdas Julien Greimas will be decisive in showing the roles and actancial functions of each character in this fiduciary relationship.

Keywords: Jane Austen; Persuasion; Semiotic of Passions.

Introdução

¹ Alessandra Oliveira é graduada em licenciatura em Letras - Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e é pós-graduanda em Letras, na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). O foco de sua pesquisa está inserido na Literatura Inglesa no período moderno, especializando-se na obra da escritora Jane Austen (1775 - 1817) e nas adaptações de seus romances para as telas de Hollywood e streaming. Possui experiência no ensino de língua estrangeira para crianças, jovens, adultos e pessoas surdas. E-mail: alessandramdso1999@gmail.com

O romance póstumo de Jane Austen, *Persuasão* (1818), apresenta um enredo centrado no conflito sugerido pelo título: a persuasão exercida sobre Anne Elliot, protagonista da obra, por sua amiga Lady Russell, que a influencia a recusar o pedido de casamento de Frederick Wentworth. O romance retrata o desenvolvimento emocional da protagonista e de outros envolvidos nesse ato persuasivo. Este artigo propõe uma análise das motivações e consequências da persuasão entre Anne, Lady Russell e o capitão Wentworth, com base na semiótica narrativa de Algirdas Greimas e no cruzamento semiótico proposto por Diana Barros.

Anne Elliot difere das demais protagonistas de Jane Austen por ser mais velha e madura. Quando jovem, ela pensava de forma distinta e, por isso, foi persuadida a rejeitar o pedido de casamento de seu grande amor. Conforme a semiótica greimasiana, Anne representa o destinatário, pois sua decisão altera o rumo da narrativa. Lady Russell, por sua vez, atua como destinadora, utilizando argumentos culturais e sociais. Frederick Wentworth ocupa a posição de objeto, devido à sua condição social no momento da persuasão. Para esta análise, escolhemos o capítulo quatro, em que ocorre um *flashback* dos eventos que culminam no ato persuasivo. A decisão de Anne está inserida em uma estrutura cultural rigidamente patriarcal, onde o discurso da prudência feminina é reforçado por figuras de autoridade, como Lady Russell. A persuasão, nesse caso, não é apenas pessoal, é socialmente mediada. A influência exercida sobre Anne revela como as paixões e crenças das personagens estão submetidas a um regime normativo que privilegia o casamento como aliança estratégica, e não como escolha afetiva. Isso coloca a protagonista no centro de uma tensão entre os regimes da razão e do afeto, tão simbólico nas obras de Austen.

Esta pesquisa é bibliográfica e descritiva. Usamos a metodologia de caráter qualitativo para fundamentar a discussão no clássico inglês e na pesquisa baseada na teoria da semiótica literária formulada por Algirdas Greimas. Portanto, as bases teóricas são a obra literária *Persuasão* (2021), da autora Jane Austen, o artigo científico escrito por Diana Barros (1992), publicado na coletânea *Cruzeiro Semiótico. A semiótica do discurso* de Jacques Fontanille (2011) e o *Dicionário semiótico* de Algirdas Greimas e Joseph Courtês (1979) auxiliarão a argumentação.

O romance *Persuasão*

Ambientado na Inglaterra do século XIX, *Persuasão* narra a história de Anne Elliot, que reencontra seu ex-noivo, Frederick Wentworth, oito anos após terem se apaixonado. O

casamento era o objetivo de ambos, mas Anne, pertencente à nobreza, é dissuadida por Lady Russell a recusar a proposta do jovem, então sem posses e títulos. Após o rompimento, Anne passa a viver com a família, enquanto Wentworth segue carreira na Marinha e torna-se capitão.

Com o declínio financeiro da família Elliot, a propriedade deles, Kellynch Hall, é alugada ao almirante Croft, cunhado do capitão Wentworth. Conhecido da família Croft, o marinheiro passa a visitar a propriedade familiar e com isso, rever Anne, pois ela é irmã de Mary, que por sua vez, é casado com Charles Musgrove. Esse reencontro inesperado insere os dois novamente no mesmo círculo social, gerando tensões entre eles.

Persuasão é o único romance de Austen centrado nos conflitos internos da protagonista, que têm origem em um evento externo: a persuasão que ela sofreu. Oito anos depois, Anne ainda está solteira e descobre que Frederick Wentworth retornou a Bath, agora reconhecido socialmente e financeiramente bem sucedido. Uma amiga próxima de Anne, Louisa Musgrove, também demonstra interesse por ele, o que acentua o drama vivido por ela desde a adolescência.

O intervalo de oito anos entre a recusa e o reencontro não apenas marca o tempo da narrativa, mas também atua como catalisador das transformações passionais. O tempo, nesse contexto, opera como um modulador do sujeito, pois permite a reconfiguração das crenças e dos desejos. O percurso patêmico de Anne e de Frederick não se reduz à ausência; ele é, sobretudo, um espaço de reelaboração emocional, em que o QUERER-SER inicial evolui para um CRER-NÃO-SER doloroso e, posteriormente, reconstrói-se como CRER-SER redentor.

Outro ponto importante é como o título do romance antecipa a temática central do livro. Essa característica também se verifica em outras obras de Austen, como *Orgulho e Preconceito* (1813), em que o casal principal, Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy, enfrenta barreiras sociais e pessoais; em *Razão e Sensibilidade* (1811), o título expõe a oposição entre a intensa racionalidade e a fugaz emoção das irmãs Elinor e Marianne Dashwood. Já *Mansfield Park* (1814) e *A Abadia de Northanger* (1818) destacam o papel do espaço na modalização intelectual das protagonistas, Fanny Price e Catherine Morland, respectivamente.

O conflito central a luz da semiótica narrativa

Narrado em terceira pessoa, o romance revela as emoções de Anne Elliot diante da convivência com o ex-noivo, por isso as impressões e convicções da personagem são apresentados pelo narrador criado por Jane Austen. É a partir desse ponto que se pode analisar a relação fiduciária discutida por Diana Barros (1990) no artigo "Paixões e

apaixonados: exame semiótico de alguns percursos". Neste estudo é possível examinar as emoções e os sentimentos de Anne, Lady Russell e Frederick Wentworth, e como eles estruturam o conflito da narrativa.

Com base na Semiótica das Paixões e no quadro teórico de Barros, as funções dos personagens são definidas pelos papéis que exercem na ação persuasiva: Anne é o destinatário, pois toma a decisão; Lady Russell é a destinadora, ao aconselhar com base nos valores culturais e na estratificação social; e Frederick Wentworth é o objeto de valor, afetado pela decisão.

Segundo Diana Barros:

A descrição das paixões se faz em termos de sintaxe modal, ou seja, de relações modais e de suas combinações sintagmáticas, que produzem efeitos de sentido afetivos ou passionais. As fronteiras entre o patêmico e o não-patêmico dependem da cultura, da época, da história, cada formação social delineando suas configurações patêmicas (Barros, 1990, p. 60).

Dessa forma, as paixões são constituídas pelas relações, que, por sua vez, dependem de como são vistas e percebidas socialmente. Cada época possui o seu poder de vigorar cada sentimento, além do mais, o indivíduo, e consequentemente, a personagem que é criada baseada em comportamentos reais, obtém se molda a partir das configurações sociais e históricas. Anne Elliot, como filha de um baronês, é uma personalidade socialmente exposta. A reputação e conduta da jovem refletem a imagem de prestígio que a família nobre deve exercer dentro da elite britânica.

A relação sujeito-objeto se configura conforme os papéis passionais. Inicialmente, aparecem paixões simples no eixo QUERER-SER. Anne manifesta o desejo de casar com Frederick Wentworth. No entanto, a influência de Lady Russell, baseada no contrato social e na confiança entre ambas, desencadeia a decisão de romper com o noivado. Diferentemente de Elizabeth Bennet (*Orgulho e Preconceito*), que desafia as convenções sociais com mais assertividade, Anne Elliot internaliza o conflito entre desejo e dever, o que a torna uma figura melancólica e introspectiva. Essa introspecção, porém, também revela uma evolução afetiva mais complexa e profunda, marcada por percursos passionais e fiduciários que a distinguem das demais heroínas de Austen.

No percurso do sentido, Anne prioriza o amor, enquanto Lady Russell enfatiza os valores morais e sociais, ou seja, Anne está no plano das emoções enquanto Lady Russell está no campo dos valores culturais. No capítulo quatro, o narrador discorre sobre o *flashback* de oito anos antes (quando aconteceu o fazer persuasivo), Anne exerce o papel de sujeito e

destinatário, pois reconhece o valor do noivo e tem o poder de decisão. Lady Russell, com seu discurso persuasivo, atua como destinadora na relação fiduciária. Essa estrutura narrativa revela o impacto da persuasão e destaca a centralidade do conflito na construção da narrativa.

O CRER-SER e o CRER-NÃO-SER

O capítulo quatro de *Persuasão*, que narra os motivos da decisão de Anne sobre seu futuro com Frederick, inicia com suas lembranças da intensidade da relação entre ambos. Os dois se conhecem e mantêm uma relação cordial, mas o forte sentimento de afeição cresce e se torna passional. A conexão entre eles é evidenciada pelo narrador:

“Foram se conhecendo aos poucos e, quando viraram amigos, apaixonaram-se rápida e profundamente. Seria difícil dizer qual tinha visto a mais alta perfeição no outro, ou qual tinha ficado mais feliz: a moça, ao receber as declarações e propostas dele, ou o rapaz, quando ela as aceitou” (Austen, 2021, p. 25).

O trecho revela o desejo mútuo pela união, que se alinha ao modal QUERER-SER descrito por Diana Barros: “O sujeito da espera deseja estar em relação de conjunção ou de disjunção com o objeto de valor” (Barros, 1990, p. 62). No contexto histórico da narrativa, o casamento era a única forma legítima de concretizar esse desejo. Sabendo disso, Frederick propõe noivado a Anne e ela, no primeiro momento, entre em êxtase. Mas ao revelar tais intenções do noivo para a família, as objeções por parte deles são contundentes. No entanto, a jovem está decidida a aceitar o pedido do amado, entretanto, a figura materna e influente de Lady Russell intervém contrariamente, o que deixa Anne inclinada a desistir da ideia de se casar com Frederick.

A objeção familiar dos Elliot é baseada em estatus e em situação financeira: o pai e a irmã de Anne desaprovam a relação com alguém de condição inferior, sem títulos e posses. No entanto, a maior oposição vem de Lady Russell, figura de confiança para Anne. O narrador expõe a perspectiva de figura materna de Anne:

“Ele [Frederick Wentworth] era brilhante e teimoso, e Lady Russell tinha pouco gosto pela inteligência e horror por qualquer coisa que se aproximasse da imprudência. Desprezava a relação de todas as formas” (Austen, 2024, p. 25).

A crítica de Lady Russell está ancorada na afeição de anos que tem por Anne. O cuidado e a amizade entre elas existem desde a morte prematura da mãe de Anne. Por isso, em outro trecho, o narrador complementa o argumento de Lady Russell:

“Anne Elliot, tão jovem. Tão pouco conhecida, arrebatada por um estranho sem relações ou fortuna, ou melhor, afundada por ele em um estado de dependência tão desgastante [...]. Aquilo não poderia acontecer, não se pudesse ser evitado pela interferência justa de uma amiga, alguém que tivesse quase o amor e os direitos de mãe” (Austen, 2024, p. 25).

Anne sente-se dividida, pois poderia resistir à vontade do pai e da irmã mais velha, mas não à opinião de quem mais confia. Nesse ponto, inicia o modal CRER-SER e a dúvida instala-se com o CRER-NÃO-SER: Anne começa a desconfiar da estabilidade futura da relação e considera romper o noivado. Ao passo que Frederick, ao interpretar a recusa como indiferença, também transita do CRER-SER, porque confiava na reciprocidade sentimental de Anne, para o CRER-NÃO-SER.

Assim, a própria Anne, ao hesitar em seguir seu impulso amoroso, internaliza os códigos morais da época, optando por uma conduta prudente, valorizada socialmente, mas emocionalmente decadente. Nesse sentido, a narrativa de *Persuasão* não apenas dramatiza um dilema amoroso, mas também expõe o processo histórico de subjetivação feminina: como uma mulher se forma e se transforma diante das pressões sociais, das vozes de autoridade e da luta por escutar a si mesma. A recusa inicial ao casamento, seguida pela lenta reconciliação com o próprio desejo, representa uma travessia simbólica da protagonista rumo à autonomia emocional, mesmo que essa autonomia só se efetive dentro dos limites da moralidade da época. Jane Austen, com sua sutileza habitual, denuncia sem escândalo, os efeitos do patriarcado sobre a liberdade afetiva das mulheres, tornando *Persuasão* um romance profundamente moderno em sua crítica silenciosa à cultura da obediência.

Esse percurso passional, segundo Barros, vai do relaxamento à tensão (1990, p. 63). O relacionamento começa feliz, mas torna-se doloroso após a decisão de Anne, marcada por aflição. A modalização, para a autora, “assegura a variação passional e revela ao sujeito a verdade ou a falsidade de sua relação com o objeto” (Barros, 1990, p. 63). Para Frederick, o QUERER-SER transforma-se em QUERER-NÃO-SER, pois entende a recusa como falta de amor.

Ademais, a paixão de Frederick, antes marcada pelo CRER-SER, também se transforma em NÃO-CRER-SER após a recusa. Isso é evidenciado na sua reação: “A convicção de estar sendo prudente e abnegada [...] era seu principal consolo para a infelicidade que aquela separação definitiva causava [...]. O rapaz havia partido por causa disso” (Austen, 2024, p. 25).

O percurso da paixão é, portanto, de confiança a insegurança. As reações de Frederick indicam uma falta dupla: do objeto de valor e da confiança, como explica Barros:

Há dois tipos de falta conforme resulte da insatisfação ou da decepção (que pressupõe insatisfação), quais sejam: a falta de objeto-valor e a falta fiduciária ou a falta de confiança. A liquidação da falta toma, portanto, duas direções, na tentativa de suprir a falta de objeto ou de resolver a crise de desconfiança, e produz, nesses percursos, novos efeitos passionais (Barros, 1990, p. 66).

Anos depois, o reencontro entre eles é marcado por intensa tensão, já que Anne sofre internamente, como revela o trecho: “Acabou! Acabou!”, repetiu para si mesma, “O pior já passou!” (Austen, 2024, p. 50). Anteriormente, ela lamenta não ter seguido o próprio desejo e reflete na felicidade que poderia ter vivido caso tivesse aceitado a proposta de casamento. Com isso, Anne percebe que os sentimentos do passado ainda persistem. Por isso, a frustração do QUERER-SER dá lugar à dor e à dúvida, pois Anne acredita veemente que Wentworth não a perdoou, operando CRER-NÃO-SER mais amada, e ele, por sua vez, imagina que ela é indiferente e orgulhosa, passando também para CRER-NÃO-SER porque acredita na falta de personalidade e autenticidade dela.

O clímax da narrativa ocorre quando Frederick escreve uma carta a Anne. Após escutar uma conversa dela com o capitão Harville, em que defende a constância do amor feminino, ele se declara:

Não posso mais suportar o silêncio. Devo falar com a senhorita por qualquer meio a meu alcance. Estou entre a agonia e a esperança. Não me diga que é tarde demais, que esses preciosos sentimentos desapareceram para sempre. Eu me ofereço de novo à senhorita com um coração que é ainda mais seu do que quando quase destruiu oito anos e meio atrás. Não se atreva a dizer que o homem esquece mais depressa do que a mulher, que o amor dele morre antes. Não amei ninguém além da senhorita. Posso ter sido injusto, fraco e rancoroso, mas nunca inconstante. Só pela senhorita vim a Bath [...] Uma palavra, um olhar será suficiente para entender se devo ir à casa de seu pai hoje à noite ou nunca mais (Austen, 2024, p. 98).

A carta sela o perdão e confirma que a persuasão não extinguiu os sentimentos. Anne, ao lê-la, entra em completo êxtase emocional. Além do mais, ela opera como um dispositivo de reconfiguração fiduciária. Ao romper o silêncio, o personagem reformula a relação de confiança abalada pela recusa passada. Trata-se de um ato de remissão que restaura o vínculo e reinscreve Anne na posição de sujeito que volta a crer. A linguagem escrita, neste momento, cumpre o papel de mediadora entre o passado e a possibilidade de um futuro em comum, funcionando como catalisadora do CRER-SER definitivo.

A revelação mútua restaura a confiança e conduz ao desfecho ideal: o casamento. Portanto, os conflitos da fidúcia são resolvidos, inclusive com a aceitação de Lady Russell e da família de Anne. O romance, assim, reafirma a força do amor sobre o tempo e do perdão sobre decisões tomadas apenas com base na razão.

Considerações Finais

O romance *Persuasão* (1818) é marcado pelo problema evocado já no título do livro. A protagonista da história, Anne Elliot, seu grande amor, Frederick Wentworth e a sua melhor amiga, Lady Russell, participam de uma relação conhecida como fidúcia. Essa relação é instaurada em um modelo actancial desenvolvida pelas ações de cada um. O contexto social em que a enredo foi desenvolvido, é conhecido pela estratificação social onde as classes se relacionavam de acordo com a posição social. A situação da mulher dentro desse sistema é de submissão, principalmente ao marido, a família de nascimento e a sociedade. Diante disso, os argumentos gerados por Lady Russel para dissuadir a amiga, ganharam forças sobre a decisão dela frente a proposta de casamento de Frederick Wentworth. Assim, os acontecimentos da obra literária escrita por Jane Austen se desenvolvem seguindo os efeitos da persuasão.

Percebemos, portanto, que a configuração social e as imposições familiares em Anne Elliot a colocaram no papel de destinatário, pois ela é a principal personagem a decidir o rumo da situação. Enquanto que sua melhor amiga detém o papel de destinador porque usufrui de argumentos relacionados as questões cruciais da época, como por exemplo: a moralidade, o papel imposto as mulheres na sociedade e os riscos sobre a família da jovem diante da possibilidade de um casamento desvantajoso. O capitão Frederick Wentworth, ou melhor, a situação em que ele se encontrava quando propôs a Anne Elliot, é o objeto da fidúcia. Assim, a função semiótica de cada um conseguiu mostrar a função deles dentro da problemática central da história, classificando a relevância do acontecimento fictício para o papel dos personagens na trama.

Esta estrutura semiótica alocada no quadro semiótico formulado por Julien Greimas possibilita outras perspectivas do romance de Jane Austen, ademais pode auxiliar na interpretação detalhada dos acontecimentos dispostos no enredo. Além disso, salienta a relevância da problemática central para o dilema de Anne Elliot e Frederick Wentworth. Então, cabe frisar, que outras pesquisas a respeito da construção desses personagens principais

provavelmente alcançarão outras temáticas voltadas para análise e interpretação das nuances do texto literário analisado.

Referências bibliográficas

Austen, Jane. **Persuasão**. São Paulo: Tricaju, 2021. eBook. Disponível em:
<https://a.co/d/fzuuhHJ>. Acesso em: 17 nov. 2024.

Barros, Diana. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. In:
Cruzamento semiótico: semiótica das paixões. Portugal: 1992, Associação Portuguesa de Semiótica, 60-73.

Fontanille, Jacques. **A semiótica do discurso**. 1.ed., 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

Greimas, Algirdas Julien. Courtês, Joseph. **Dicionário semiótico**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.